



Planos de Ação Nacional para a Conservação
de Espécies Ameaçadas de Extinção



Aves da Amazônia - 2º ciclo de gestão -

SUMÁRIO EXECUTIVO



A Amazônia é a maior floresta tropical e o mais diverso bioma do mundo. Abrange nove países no norte da América do Sul e nove estados brasileiros (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), e se estende por mais de 670 milhões de hectares. Devido a sua enorme extensão geográfica, a Amazônia não é uniforme, mas sim composta por uma variedade de ambientes ou ecossistemas florestais e savânicos. Isso inclui principalmente as predominantes florestas de terra-firme e as florestas alagáveis pelos rios, além de campinas e campinaranas (florestas sobre solos saturados por água e arenosos), enclaves de cerrado, florestas de bambu (ou tabocais) e florestas montanas. Esses ambientes diferem em estrutura e composição florística e conseqüentemente na fauna associada. Além disso, esses ambientes foram no passado ou ainda são divididos por barreiras geográficas, de modo que diferentes regiões no bioma passaram por processos evolutivos separadamente. Com uma dimensão continental e essa diversidade de paisagens, a Amazônia abriga dezenas de milhares de espécies de plantas, invertebrados e vertebrados, incluindo cerca de 1.500 espécies de aves.

Essa rica biodiversidade amazônica, entretanto, está ameaçada pela intensificação da ocupação humana descontrolada e desordenada. A área desmatada no bioma já soma mais de 4,4 milhões de hectares, com algumas regiões onde a perda florestal já chega a quase 70%, principalmente no sudeste do bioma. A devastação florestal ainda avança rapidamente.

Para conhecer e proteger a biodiversidade amazônica, o Estado Brasileiro, através do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), desenvolve uma série de estratégias,

além da criação e gestão das Unidades de Conservação. Uma das principais estratégias é a elaboração e execução de planos de ação para conservação das espécies ameaçadas de extinção. O Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Amazônia (PAN Aves da Amazônia) está em seu segundo ciclo, contemplando um total de 81 táxons (espécies ou subespécies) de aves ameaçadas na Amazônia.

Os aspectos mais marcantes e singulares da avifauna amazônica, entretanto, são os padrões de distribuição e substituição geográfica. A maioria das espécies não ocorre em todo o bioma, e a distribuição geográfica de muitas espécies é limitada pelos grandes rios. Uma espécie que ocorre de um lado do rio é substituída por uma outra no lado oposto. Conseqüentemente, diferentes avifaunas, com conjuntos únicos de espécies endêmicas, ocupam as diferentes e complementares porções de terra entre os grandes rios (i.e., interflúvios). Esses interflúvios representam áreas de endemismo, especialmente para as aves das florestas de terra-firme. Nas florestas alagáveis, por outro lado, muitas espécies apresentam uma distribuição restrita a um trecho ou outro dos grandes rios, com ocorrência em ambas as margens. Em parte, esses trechos podem ser delimitados pela desembocadura de outros grandes rios com tipo de água diferente. Para as aves de florestas alagáveis, as áreas de endemismo são melhor representadas por segmentos dos grandes rios. A Amazônia, para as aves, é um mosaico de múltiplas florestas e áreas de endemismo. Com isso, a conservação das aves amazônicas requer conhecimento científico e a proteção dos ambientes espalhados por todo o bioma.

Thiago Orsi Laranjeiras



Foto da capa: Luis Morais; Espécie: Jacamin-de-costas-escuras, *Psophia obscura*.

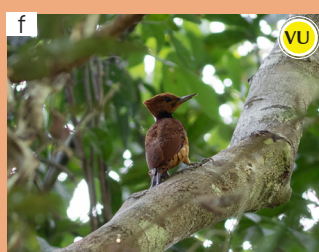
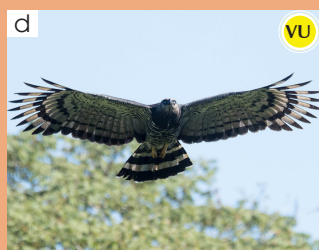
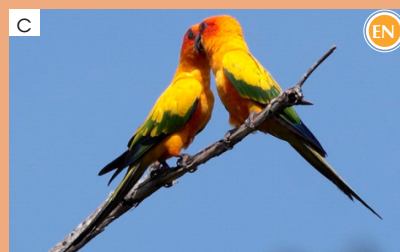
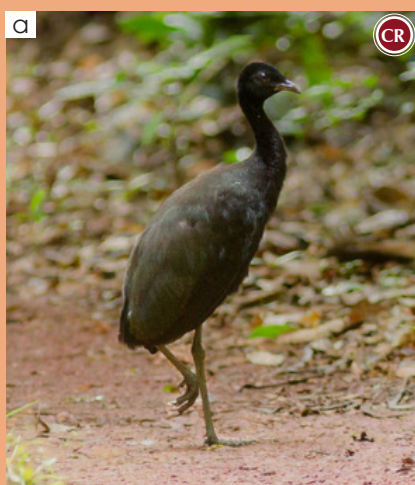
Espécies Contempladas

O PAN Aves da Amazônia contempla 81 táxons de aves amazônicas atualmente listados como ameaçados (Portaria MMA no 148/2022) ou quase ameaçados de extinção, incluindo 63 espécies e 18 subespécies. Isso representa cerca de 5-7% dos táxons de aves do bioma. Essas aves possuem várias características em comum.

Quase dois terços dos táxons (51) são aves de pequeno porte, representantes da ordem Passeriformes. A maioria desses pássaros (36 táxons), habita o sub-bosque escuro das florestas altas de terra-firme, com uma área de ocorrência restrita dentro da porção mais a sudeste na Amazônia (ao sul do Rio Amazonas e a leste do Rio Madeira, além do estado do Acre). Essa região coincide com a fronteira de expansão agropecuária, conhecida como “arco do desmatamento”. Dois representantes da família Pipridae são as espécies de Passeriformes mais ameaçadas, ambos na categoria Em Perigo: o dançador-de-coroa-dourada (*Lepidothrix vilasboasi*) e o cabeça-de-prata (*Lepidothrix iris*).

Outros 15 Passeriformes habitam outros tipos florestais, especialmente as florestas alagáveis. Os táxons especialistas nas florestas alagáveis possuem distribuições mais variadas ao longo de um ou mais dos principais rios amazônicos, incluindo os rios Madeira, Tapajós, Branco, Xingu e Araguaia. Empreendimentos hidrelétricos, que alteram o ciclo de sedimentação dos rios, já foram instalados ou estão planejados nas bacias hidrográficas desses grandes rios. As espécies mais ameaçadas nesse grupo, ambas categorizadas como Em Perigo, são a choca-preta-e-cinza (*Thamnophilus nigrocinereus tschudii*), endêmica do Rio Madeira, e o tico-tico-cantor (*Arremonops conirostris*), restrito, no Brasil, ao Rio Branco em Roraima.

As demais (30) aves contempladas são representantes de diferentes famílias e ordens não-passeriformes, usualmente de maior porte, mas também pequenos beija-flores. Quase todas são dependentes de florestas primárias e possuem uma distribuição geográfica mais restrita ao sudeste da Amazônia. Mutuns e gaviões sofrem com a caça, de subsistência ou por retaliação. Já as duas “ararinhas”, a ararajuba (*Guaruba guarouba*), endêmica do Brasil, no sudeste da Amazônia, e a jandaia-sol (*Aratinga solstitialis*), com uma ocorrência restrita no norte da Amazônia brasileira, nas florestas secas nos sopés de serras em Roraima, sofrem com a captura e tráfico para a criação em cativeiro. O mutum-de-penacho (*Crax fasciolata pinima*) e o jacamim-de-costas-escuras (*Psophia obscura*), ambos endêmicos da região a leste do Rio Tocantins, são as aves mais ameaçadas da Amazônia, categorizadas como Criticamente em Perigo. A jandaia-sol, o jacamim-do-xingu (*Psophia interjecta*) e o mutum-de-fava (*Crax globulosa* - ocorre nas florestas alagáveis do sudoeste da Amazônia) também estão ameaçados, categorizados como Em Perigo.

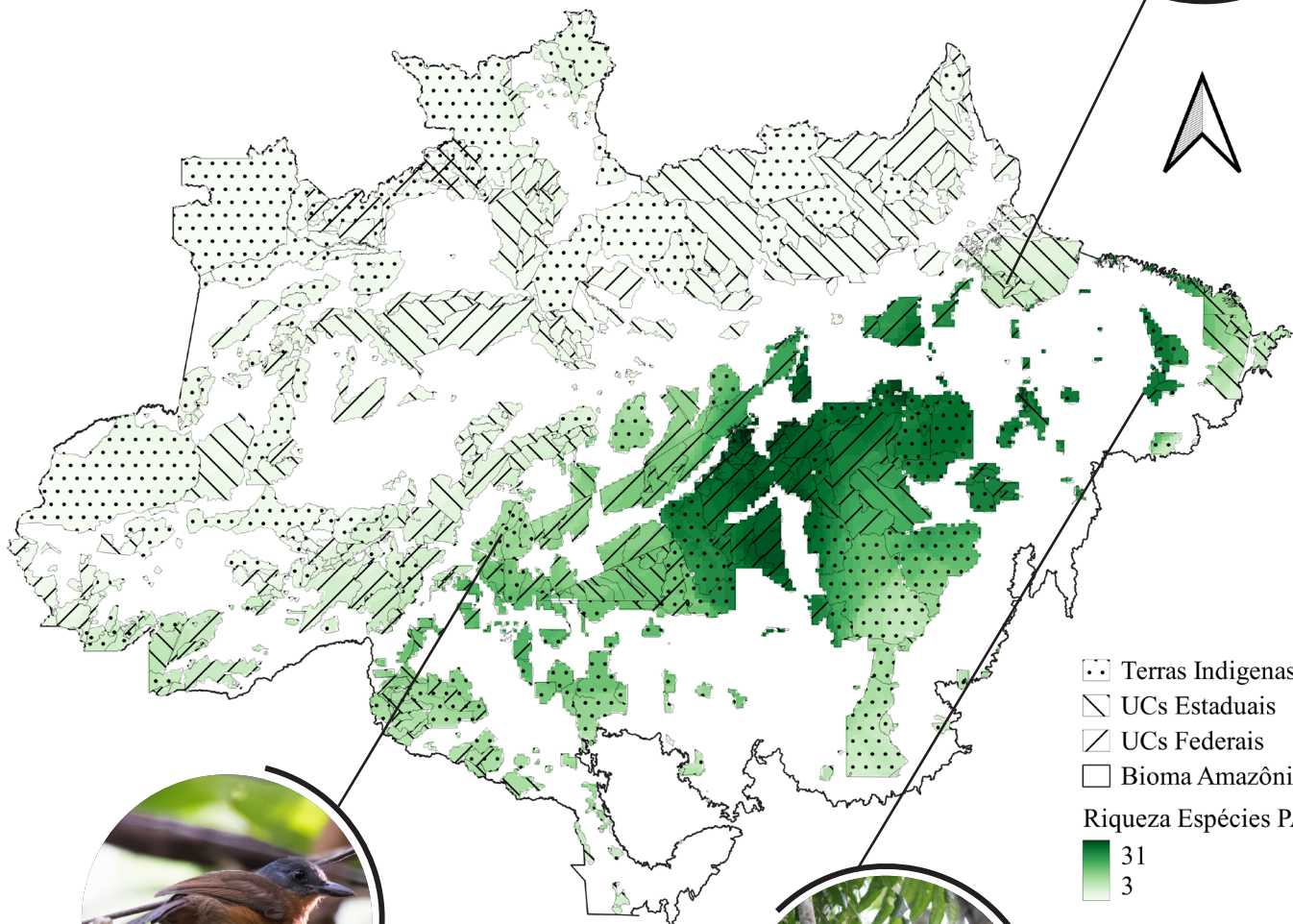


Exemplos de Espécies do PAN:
a) Jacamin-de-costas-escuras (*Psophia obscura*); b) Mutum-de-fava (*Crax globulosa*); c) Jandaia-amarela (*Aratinga solstitialis*); d) Uiraçu (*Morphnus guianensis*); e) Gavião-real (*Harpyia harpyja*); f) Pica-pau-de-coleira (*Celeus torquatus pieteroyensi*).

Área de Abrangência do PAN

Todas as áreas protegidas da Amazônia contêm espécies ameaçadas do PAN Aves da Amazônia, podendo ter uma riqueza (número de espécies) de 3 a 31 espécies.

As aves estão entre os animais silvestres mais traficados no mundo. Espécies como a Ararajuba (*Guaruba guarouba*) são impactados pela remoção de indivíduos, capturados e mantidos localmente como animais de estimação ou para abastecer o mercado ilegal de pets silvestres em cidades maiores. Apesar de não haver evidências recentes de tráfico internacional, as apreensões ainda são frequentes.



- Terras Indígenas (FUNAI 2019)
- ▨ UCs Estaduais
- ▩ UCs Federais
- Bioma Amazônia

Riqueza Espécies PAN



A choca-preta-e-cinza (*Thamnophilus nigrocinereus tschudii*) é endêmica do Rio Madeira e ocorre em florestas alagáveis. A instalação de empreendimentos hidrelétricos configura uma ameaça relevante para esta espécie, que é classificada na categoria Criticamente em Perigo (CR).



O mutum-de-penacho (*Crax fasciolata pinima*) ocorre em uma das regiões mais alteradas da Amazônia. Mais de 75% do seu habitat original foi perdido. Por ser uma espécie muito sensível, mesmo nos maiores fragmentos florestais remanescentes não há mais registros de sua presença. É uma das aves mais ameaçadas do bioma amazônico e estima-se que seja uma das mais ameaçadas do planeta.

Unidades de Conservação

Na região amazônica são reconhecidas mais de 1000 áreas protegidas, cobrindo quase metade da Amazônia Legal. Neste contexto, 430 são unidades de conservação (UC) previstas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Dessas, 149 UCs abrangem uma área de 67 milhões de hectares e estão sob responsabilidade do Estado brasileiro, o que representa cerca de 13,4% da Amazônia Legal.

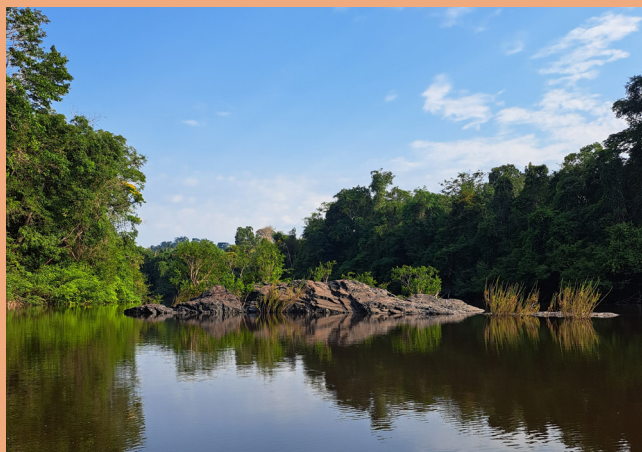
Algumas das UCs da região são fundamentais para a conservação das aves amazônicas, sobretudo aquelas em risco de extinção.

Diego Lima



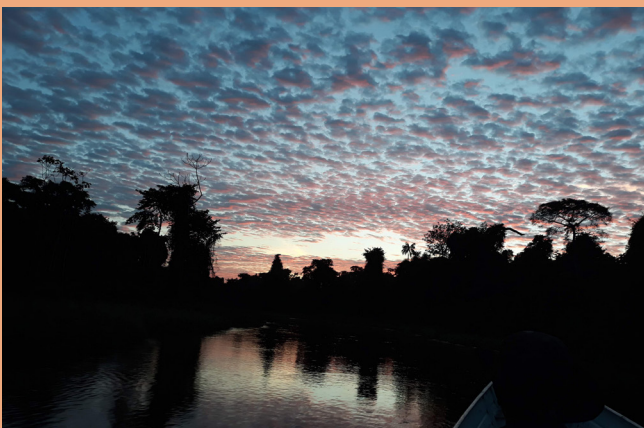
Reserva Biológica do Gurupi - Localizada no Maranhão, é um dos últimos remanescentes florestais na porção amazônica do estado. Funciona como um dos principais refúgios para diversas espécies endêmicas e ameaçadas do Centro de Endemismo Belém (a leste do Rio Tocantins). Duas das três espécies de aves criticamente ameaçadas da Amazônia ocorrem na reserva, o mutum-pinima (*Crax fasciolata pinima*) e o jacamim-de-costas-escuras (*Psophia obscura*). Juntamente com as Terras Indígenas Arariboia, Caru, Awá, Alto Turiaçu, Rio Pindaré e Alto Rio Guamá, a reserva compõe o Mosaico Gurupi, com mais de 1,8 milhões de hectares e uma área de influência de aproximadamente 4,6 milhões de hectares.

Parque Nacional do Jamanxim - Situado no sudoeste do estado do Pará, é de importância estratégica para a conservação das aves do sudoeste da Amazônia. Abrange quase 900 mil hectares no interflúvio dos rios Tapajós e Xingu, uma região marcada por elevadas taxas históricas de desmatamento, associadas a grandes projetos de infraestrutura pública, como o asfaltamento da rodovia BR-163 e a ferrovia EF-170 ("Ferrogrão"), e à fronteira de expansão do agronegócio. Nesse cenário complexo, o PARNA emerge como um verdadeiro *hotspot* de biodiversidade, que protege paisagens e ecossistemas de grande beleza cênica.



Vanessa Rodrigues Ferrer

Márcia Gomes - SEDAM-RO



Parque Nacional Picaás Novos - Localizado na região central de Rondônia, o Parque Nacional Picaás Novos representa uma das linhas de proteção (com mais de 760 mil hectares) mais importantes do último grande bloco de florestas primárias do estado. Apresenta uma ampla variedade de habitats e avifauna extremamente rica. São mais de 400 espécies de aves já registradas, incluindo muitas das espécies ameaçadas que ocorrem em Rondônia. Cercado por áreas de desmatamento consolidado, o parque é essencial para a manutenção da biodiversidade no sul da Amazônia brasileira.

Para ver a lista completa de UCs e as ocorrências das espécies do PAN, acesse: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-aves-da-amazonia/2-ciclo/20260310-pan-aves-da-amazonia-resultados-sobreposicao.xlsx/>



Ameaças

As principais ameaças para as aves amazônicas envolvem a intensificação da ocupação humana descontrolada ou desordenada.

Apesar da grande dimensão geográfica e rica biodiversidade, a Amazônia sofre preocupante processo de degradação ambiental, decorrente do uso insustentável de seus recursos naturais. São diversas as ameaças à avifauna da Amazônia, sendo que muitas delas estão relacionadas ao processo de ocupação do solo, seja pelo desmatamento associado à conversão de florestas em áreas agrícolas ou à construção de estradas, pela poluição das águas, pela retirada de espécimes da natureza e ainda pela construção de hidrelétricas e instalação de linhas de transmissão de energia. Cada uma dessas ameaças possui um padrão espaço-temporal específico. Além disso, o conhecimento científico sobre as espécies de aves da Amazônia necessário para a tomada de decisões para conservação, bem como sobre a biodiversidade de todo o bioma, ainda é escasso.

Atualmente, o desmatamento é a ameaça mais preocupante. Segundo o MapBiomas, no final de 2022 o desmatamento já havia atingido aproximadamente 15,5% da floresta amazônica brasileira. Foi estimado que, caso o desmatamento se aproxime de 40%, haverá um efeito em cascata que se iniciará com a modificação das fitofisionomias, podendo chegar

a modificar o ciclo hidrológico da região e até do continente. O corte seletivo de determinadas espécies vegetais, realizado principalmente para abastecer a indústria madeireira, muitas vezes retira da floresta árvores com características que são requeridas pelas aves para nidificação, de forma especializada. No desmatamento total, por corte raso, é comum o uso de queimadas, geralmente relacionado ao avanço de atividades agropecuárias. A fronteira agropecuária avança fortemente no Sudoeste e Sudeste da Amazônia brasileira, facilitada principalmente pelas estradas, onde várias espécies endêmicas estão perdendo seus habitats. O desmatamento nas florestas alagáveis ou em outros ecossistemas, reduz o habitat e os recursos necessários para a manutenção das comunidades de aves, diminuindo os tamanhos populacionais, o que pode levar a extinções locais e ao empobrecimento da comunidade.

As hidrelétricas constituem a principal ameaça para a avifauna de florestas alagáveis, tanto a montante da barragem, com a degradação e perda de habitat, quanto no canal do rio a jusante por modificar o padrão de movimentação de sedimentos no rio. Tais empreendimentos afetam principalmente as aves que estão associadas diretamente aos habitats sazonalmente alagados pelos rios, em especial as florestas que ficam

sujeitas à inundação permanente no reservatório. A perda dos ciclos de cheia e seca devido à formação do reservatório também prejudica ambientes críticos para a reprodução e a alimentação das espécies, como pedrais, barreiros e praias, que ficam parcial ou completamente submersos. A alteração no regime de sedimentação a jusante da barragem tende a afetar em médio-longo prazo ambientes importantes para as aves que usam vegetação pioneira associada à deposição regular de sedimentos e florestas alagáveis. A perda de florestas alagáveis tende a prejudicar também populações de vertebrados terrestres de terra firme, incluindo aves que realizam deslocamentos sazonais para essas florestas, para se aproveitar de picos de frutificação e de disponibilidade de outros recursos alimentares que estão associados aos ciclos de inundação.

As populações ribeirinhas amazônicas adaptaram-se às fortes flutuações impostas pela dinâmica de inundação, fazendo uso integrado dos diversos ambientes alagáveis e dos ambientes adjacentes na terra firme, e provocando, ao longo dos anos, o desmatamento dessas áreas. Essa degradação direta das florestas alagáveis devido a esse processo histórico de ocupação também consiste em uma ameaça.

Diogo Lagroteria



O desmatamento é a principal ameaça às espécies do PAN e afeta espécies que ocorrem em diferentes ambientes, abrangendo desde as aves de florestas de terra-firme até espécies de áreas alagáveis.

As causas do desmatamento são múltiplas e têm diversas origens com o corte para ocupação humana e atividades agropecuárias, e a extração de madeiras.

Diogo Lagroteria



Diogo Lagroteria

Estratégia do ICMBio para a Conservação das Aves da Amazônia

A oficina de planejamento participativo para a elaboração do 2º ciclo do PAN Aves da Amazônia foi realizada de 20 a 24 de junho de 2022, em Manaus, Amazonas, contando com a presença de 33 pessoas, representantes de 23 instituições. O 2º ciclo do PAN foi aprovado em julho de 2023, pela Portaria ICMBio Nº 2.402/2023.

O PAN Aves da Amazônia teve o seu 1º ciclo no período de 2016 a 2021, no qual duas linhas de ações foram muito importantes para os resultados obtidos. Uma linha foi a das ações que atuam para mudar o estado de conservação das espécies, voltadas realmente à conservação dos ambientes. Nessa linha, a criação de Unidades de Conservação, delineamento de políticas públicas e programas de conservação foram essenciais.

Outra linha considerada fundamental foi a de aprofundamento do conhecimento das espécies e dos ecossistemas ameaçados. Ela permitiu delimitar melhor o real estado de conservação, embasar a avaliação e delinear as ações necessárias. As ações que envolveram ecossistemas e macroáreas (áreas de endemismo)

também foram muito importantes, pois tendem a proteger várias espécies.

O PAN teve sucesso em identificar duas áreas importantes sob maior ameaça: o Sudeste da Amazônia (Centro de Endemismo Belém em especial) e as áreas alagáveis, o que colaborou para gerar conhecimento sobre elas. Além disso, ações nessas áreas beneficiaram mais espécies do PAN, por isso, tiveram muita importância nos resultados obtidos.

O CEMAVE é o centro responsável pela coordenação do PAN Aves da Amazônia, com supervisão da Coordenação Geral de Estratégias para Conservação, da Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

O objetivo geral do PAN é “Melhoria das condições de conservação das espécies de aves amazônicas em cinco anos”. Para atendimento do objetivo do Plano de Ação Nacional foram estabelecidos quatro objetivos específicos e 34 ações.

Matriz de Planejamento

Objetivo Geral		
Melhoria das condições de conservação das espécies de aves amazônicas em cinco anos.		
Nº	Objetivos específicos	Nº de Ações
1	Redução da perda e da alteração de habitat provenientes de atividades agropecuárias	14
2	Fornecer diretrizes e realizar estudos que subsidiem a prevenção e mitigação dos impactos decorrentes das atividades de mineração e hidrelétricas sobre as espécies do PAN	6
3	Redução da vulnerabilidade aos processos deletérios nas espécies de aves com populações reduzidas	5
4	Redução da caça, da captura, do comércio ilegal ou de seus efeitos negativos nas espécies do PAN	8



COLABORAÇÃO

IBAMA
M M A

CEPAM
ICMBio-MMA

AZAB
Associação de Zoológicos e Aquários do Brasil

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
SUPERVISIONADA PELO MCTI

MUSEU NACIONAL
U F R J

COLEÇÕES INPA
AVES

UFAC

OrnitoLab

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

BIO MACRO
Laboratório de Biologia e Conservação de Arterídeos

Uema
CAXIAS

LABORATÓRIO DE ORNITOLOGIA

GP ECOAVES
UEPA

Fundação Ecológica Cristalino

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DAS POLÍTICAS INDÍGENAS

SEMA GOVERNO DO MARANHÃO

GOVERNO DO MARANHÃO
GOVERNO COM O POVO DO MARANHÃO SEM CENSO DO NOVO!

Governo do Estado de RONDÔNIA

SEMA Secretaria de Estado de Meio Ambiente GOVERNO de Mato Grosso

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE GOVERNO DO PARA

PROJETO HARPÍIA

WCS

epe
Empresa de Pesquisa Energética

VALE

REALIZAÇÃO

CEMAVE

ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Brasília, março de 2026

Para saber mais sobre os PANs acesse: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan>